

## LEONARDO BASTIÃO: ENTRE O LITERÁRIO E O FILOSÓFICO

**José Ferreira Lima Neto**

*Universidade Estadual da Paraíba*

*Netoferreira432@gmail.com*

A presente pesquisa tem por objetivo elaborar uma análise das composições poéticas de Leonardo Bastião, à luz da filosofia de Gramsci e abalizada pelos olhares literários de Deleuze e Guattari. Para alcançar esse objetivo, partiremos de um estudo dos textos de Gramsci, nos quais esse pensador entende a filosofia e a arte como ferramentas de transformação social. Em seguida, faremos uma análise de algumas poesias do poeta Leonardo Bastião com o intuito de compreender temáticas de cunho social, apontando os estigmas da marginalização à sua poesia e contexto, bem como a resistência poética para triunfar ante os empecilhos. Associando a filosofia do pensador italiano junto à produção poética do aedo, estabelecendo conexões entre a filosofia, a arte literária e a práxis filosófica. Afirmaremos ainda os porquês da literatura do poeta em questão ser considerada menor, utilizando-se aqui de Deleuze em sua obra *Kafka Por uma Literatura Menor* (2017). Como resultado evidenciaremos a poética de Leonardo Bastião como ferramenta pedagógica e de conscientização social.

**Palavras-Chave:** Arte Literária, Conscientização, Filosofia da Práxis, Literatura Menor.

## **Introdução**

A pesquisa em curso vislumbra elaborar uma análise das composições poéticas de Leonardo Bastião, à luz da filosofia de Gramsci, dando respaldo a poética de Leonardo a partir de sua obra *Minha Herança de Matuto* (2018), fazendo uma leitura gramsciana através da obra *Cadernos do Cárcere* (2001) e evidenciando as vivências e produções orais de Bastião a conceituação de intelectualidade orgânica do filósofo italiano.

A partir da leitura da obra *Minha Herança de Matuto* (2018), destacarei o emaranhado filosófico e literário da poética de Bastião, evidenciando sua luta em defesa dos oprimidos que está atrelada junto à perspectiva da intelectualidade orgânica gramsciana. Feito isso, partirei para as razões da poética do trovador Itapetinese ser tratada como menor, fazendo uma evidenciação da conceituação Deleuziana de literatura maior e menor, em sua obra *Kafka por uma literatura menor* (2017), alicerçando as práticas orais do aedo pernambucano junto a essa terminologia, defendendo seus ideais culturais junto a perspectiva da imortalização de sua arte.

O poeta Leonardo Pereira Alves, conhecido popularmente por Leonardo Bastião, nascido no sítio Goiana, município de Itapetim<sup>1</sup>, Estado do Pernambuco, aos 13 de março de 1944, é de raízes camponesas, e sempre atuou na agricultura de subsistência. Sua obra está contida no livro: *Minha Herança de Matuto* (2018) e no filme *Leonardo Bastião, O Poeta Analfabeto* (2018). A simplicidade e as “sacadas” desse poeta encantam a todos que têm acesso à sua poesia, inspirado pelas águas do rio Pajeú<sup>2</sup>, que traz consigo a influência da poesia popular nordestina.

A investigação se dará a partir da conceituação de literatura menor em contraposição à literatura maior atribuída por Deleuze na obra *Kafka por uma literatura menor* (2017) e seus desdobramentos na poética de Leonardo Bastião, levantando os aspectos histórico filosóficos que povoam seus poemas, analisando assim o contexto que envolve o poeta e o que o leva a produzir seus poemas sobre temáticas variadas, por exemplo: saudade, sertão, secas, causas sociais e até mesmo aspectos mais complexos e existenciais que permeiam nossa existência.

A problemática levantada é: há a possibilidade de associar o pensamento de Leonardo Bastião com a concepção gramsciana de intelectualidade orgânica? Essa é uma pergunta que será elucidada no curso da presente pesquisa, evidenciando o local de fala do aedo pernambucano e trazendo suas vivências sertanejas aliadas ao pertencimento de classe, para fomentar a propositura de sua intelectualidade orgânica nos moldes gramscianos.

## **1 Sobre a filosofia e a filosofia da arte em Gramsci**

Gramsci foi um filósofo e ativista social irredimido com seu contexto histórico. A era que vivenciou foi de austeros enfrentamentos aos ditames vigentes. O filósofo italiano deixa claro em sua produção a contundência do papel do intelectual, que segundo ele é quem faz os liames entre a sociedade política e a

---

<sup>1</sup>Palavra originária do tupi guarani que significa: pedra achatada branca. (Nota do autor).

<sup>2</sup> Pajeú é nome indígena, vem do dialeto cariri, pagéy, e quer dizer: rio feiticeiro. (Nota do autor).

sociedade civil, correlacionando respectivamente o diálogo entre o Estado e movimentos sociais, possibilitando assim a construção de uma hegemonia do proletariado.

O pensamento filosófico para Gramsci propicia o desdobramento da construção social do indivíduo atrelada ao poder de criticidade e correlacionando aspectos sócio-históricos, viabilizando uma concepção de mundo que analise ideologicamente o contexto social que os cerca através da conscientização, fato esse que gera homens socialmente políticos.

O pensador italiano também se debruça à questão da arte, reduto dos intelectuais e artistas, que pode assumir o caráter de ferramenta pedagógica e de disseminação cultural ideológica de uma sociedade, através do pertencimento de classe do artista que materializa sua produção e pode usá-la à serviço da transformação cidadã dos indivíduos.

Os governantes desempenhavam papel decisivo no cenário cultural da época, tendo eles a cautela de selecionar e banir eventualmente as belas artes que não representavam o interesse da classe dominante, sobre essa questão nos é apresentado que: “[...] um governo pode organizar melhor a alta cultura e negligenciar a cultura popular.” (GRAMSCI, 2011, p. 342), assim estaria nas mãos do mandatário o determinismo histórico cultural dos cânones da literatura nacional.

No olhar de Gramsci se pauta a dualidade entre um sistema de governo expansivo ou repressivo quanto aos aspectos culturais de uma sociedade, questionando que:

[...] Um governo repressivo por alguns aspectos será expansivo por outros? Um sistema de governo é expansivo quando facilita e promove o desenvolvimento a partir de baixo, quando eleva o nível de cultura nacional-popular e, portanto, torna possível uma seleção de “excelências intelectuais” numa área mais ampla.<sup>3</sup>

A filosofia da práxis exerce papel importantíssimo para a arte, imbricando-se a relação artística com o pertencimento social do agente criador com suas raízes. O artista assim por meio de sua linguagem deve construir horizontes de enfrentamento ao sistema posto, tendo consciência que na concepção gramsciana a arte não detém autonomia absoluta, o elemento artístico se embrinca às estruturas sociais do Estado. No entanto, o artista mais aguerrido vislumbra fazer dessa ferramenta um engajamento crítico frente à sociedade política, na medida que “[...] existem, portanto, duas séries de fatos: um de caráter estético, ou de arte pura, outro de política cultural [...]” (GRAMSCI, 2011, p. 346).

Cabe ao artista a imersão em seu campo de atuação, edificando-se em uma ética social e não apenas moldado em questões estéticas. O artista tem a difícil missão de conciliar a atividade crítica apoiado em pilares estéticos que deem tonalidade a sua produção, sem obnubilar o poder crítico social linguístico.

---

<sup>3</sup> GRAMSCI, Antonio. O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011, p.343.

## 1.2 Gramsci e a organização da sociedade

Gramsci tem suas bases firmadas no pensamento marxistas, buscando compreender o percurso de mudanças perpassadas na sociedade burguesa e os abalos de tais acontecimentos ocasionando no que é chamado estado contemporâneo. Gramsci ressalta a socialização da política com a organicidade operária que passa a ter consciência de sua importância ante a sociedade. As agremiações ganham alento ameaçando cada vez mais as pilastras do poderio burguês, “[...] O maior mérito de Gramsci consiste em ter ampliado a teoria marxista prática de estado. [...]”<sup>4</sup> (COUTINHO, 2011, p.14).

A organização cidadã junto ao estado impulsiona os coletivos sindicais, propiciando com que as forças estatais passem a notar a sustentação partidária política da burguesia. Conforme Coutinho (2011) o novo cenário de formações sociais elegidas como ocidentais em contraste as orientais de caráter mais primitivo, os mecanismos de poder não só visam as agremiações diretas do estado. Surge assim uma sociedade política que passa a lutar com os organismos repressivos. Sociedade civil é o conjunto de organizações de caráter privado, em que o adjetivo privado está associado ao caráter voluntário e espontâneo das relações de poder. Logo a sociedade política está conectada a uma ditadura de classe, em que os aparelhos ideológicos do estado usurpam a violência versus a sociedade.

Gramsci conjectura o alento das relações sociais pelo meio da sociedade civil, em que as classes procuram sua supremacia perante o estado, destoando assim de uma coletividade política em que rege o condicionamento coercitiva por parte dos administradores. A sociedade política se nutre forjada nos aparelhos coercitivos do estado, a exemplo de esferas como: a polícia, o jurídico e o exército. Já a sociedade civil conserva-se incorporada aos aparelhos privados de hegemonia, como por exemplo: a igreja, os sindicatos, o sistema escolar, as empresas, as instituições de caráter científico e artístico, conforme citação:

Pode-se observar que também as formas anteriores de dominação de classe, as formas abertamente ditatoriais ou autoritárias, apoiavam-se na ideologia, careciam de algum modo de legitimação e consenso para poderem funcionar. Papel decisivo, na conquista dessa legitimidade por um estado, digamos, do tipo absolutista, vinha da ideologia religiosa: a igreja era um aparelho ideológico de Estado, fundamental na época do absolutismo.<sup>5</sup>

A reconfiguração social é o que garante a socialização da política, em que o estado viabiliza a abertura de espaços para as massas atuando em benefício das mesmas, escutando as vozes dos comandos sindicais e situando concordatas consensuais com as camadas minoritárias. Concordatas essas que não visam apenas o fator financeiro corporativo, afinal o Estado não é somente um aparelho de coerção social, o Estado também é um entrelaçado sistema de relações ideológicas e culturais que incidem de acordo com as instâncias morais e intelectuais das classes dominadoras. As instâncias sindicais procuram seu espaço também nessa aba, fazendo-se coeva na sociedade como um todo e desconstruindo aos poucos o domínio de coerção estatal, visto que: “O

---

<sup>4</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 4ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011, p. 14.

<sup>5</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 4ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011, p. 15.

estado impunha a sua ideologia de modo tão coercitivo como impunha a sua dominação em geral: quem discordava dessa ideologia cometia um crime contra o Estado” (COUTINHO, 2011, p.15).

A missão dos intelectuais nesse método revolucionário pautava-se exclusivamente em alegação dos mandatários, sendo aqueles os intelectuais tradicionais. Eis que surge o intelectual orgânico, que de acordo a conceituação gramsciana essa casta estaria profundamente ligada ao pertencimento de classe, tendo consciência de seu papel de desempenho na sociedade em apologia às minorias.

Desse modo, os intelectuais já não são necessariamente ligados ao estado ou aos aparelhos ideológicos; eles podem se articular agora com essa esfera de organismos “privados”, exercendo suas atividades (e, entre elas, a de lutar pela hegemonia política e ideológica do grupo social que representam) através e no seio dessas formas autônomas de criação e difusão de cultura.<sup>6</sup>

A sociedade política se depara diante de uma sociedade engajada e em fiel desenvolvimento mobilizacional. O que Gramsci faz é harmonizar um diálogo para elucidar o jeito encontrado pela classe dominante de afiançar a aderência das classes dependentes, contudo, em um novo plano de governo que concebe o Estado contemporâneo através de uma revolução passiva, conforme citação:

[...] com a própria intensificação das lutas sociais, criam-se novas organizações, novos institutos também autônomos em face do Estado – os sindicatos, os partidos de massa, os jornais de opinião etc. -, os quais, embora possam ter como objetivo a defesa de interesses particulares, “privados, tornam-se também portadores materiais de cultura, de ideologias”.<sup>7</sup>

Receando o aviso da revolução e reconhecendo o abatimento burguês, um novo plano é difundido pela burguesia, o de justamente reconhecer e incorporar as camadas populares, dando-as os direitos sociais trabalhistas. O estado liberal acolhe as cobranças oriundas das classes tidas como inferiores decompondo assim a sua organicidade, mas, também adaptando a perpetuação e soerguimento do domínio burguês na sociedade.

Vemos assim que a sociedade civil tem, por um lado, uma função social própria: a de garantir (ou de contestar) a legitimidade de uma formação social de seu Estado, os quais não tem mais legitimidade de uma formação social e de seu estado, os quais não tem mais legitimidades em si mesmo, carecendo do consenso da sociedade civil para se legitimarem.<sup>8</sup>

Observa-se que no transcurso da revolução algumas das classes sociais antes engajadas submergiram sua autonomia ao associarem-se aos ideais capitalistas de produção. Por isso o filósofo assegura o caráter passivo da revolução, tendo em vista que mesmo diante de tantas batalhas sociais da classe popular que originaram o Estado contemporâneo não foram suficientes para uma cisão total com os ideais da classe dominante. A burguesia não se vê abalada ao incorporar as camadas menos favorecidas, ela enxerga nisso um

---

<sup>6</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 4ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011, p. 17.

<sup>7</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 4ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011, p. 16.

<sup>8</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. 4ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011, p. 16.

poder de revestimento a partir da inclusão desses novos âmbitos que brevemente estarão encravados no artifício da mercantilização capitalista.

### 1.2.1 Gramsci e a filosofia da práxis

Gramsci não foi um mero contribuinte para o material arqueológico da filosofia política, sua ajuda associa-se a expressões superestruturais intrínsecas a cultura e a filosofia, valendo salientar que a igualdade social é a consciência do homem quando se trata do elemento práxis, tendo em vista a sua relação com seu lugar e sua identificação com suas origens, conforme citação:

[...] A filosofia da práxis não é uma filosofia de um só, ela não é consequência de uma produção intelectual individualista, a menos que essa produção esteja a serviço de emancipação das massas populares. Uma vez posta em ação, a filosofia da práxis une o elemento popular e o intelectualizado. Ela reúne a inteligência do filósofo à vontade das massas e ambas se tornam uma unidade ativa.<sup>9</sup>

A apreciação histórica ou crítica ontológica são as pilastras da filosofia da práxis que também pode ser vista como uma teoria da história, no tocante a essa temática Gramsci vai refutar qualquer sinal metafísico. A filosofia da práxis nos faz perceber seu caráter popular demonstrando que a filosofia e o filosofar não são prerrogativas dos doutos da academia.

Não se pode separar a filosofia da história da filosofia, nem a cultura da história da cultura. No sentido mais imediato e determinado, não se pode ser filósofo, isto é, ter uma concepção de mundo criticamente coerente – sem a consciência da própria historicidade, da fase de desenvolvimento representada por esta concepção e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções.<sup>10</sup>

A filosofia da práxis também foi abalizada como um feitiço de Gramsci para instruir o proletariado à conscientização, enquanto encontrava-se em estado carcerário, sendo a definição de filosofia da práxis um tipo de camuflagem para os ideais marxistas, tida como uma criptografia carcerária, evitando todo e qualquer tipo de recriminação, toando de alento pedagógico para a instrumentalização do conhecimento da classe operária. Contudo, o italiano vai além desse disfarce teórico e também consegue realizar uma espécie de atualização conceitual marxista, advertindo através de sua linguagem os novos olhares teóricos, congregando assim a história, a política e a filosofia junto às ideias vigentes no século XX. Para Gramsci:

Se é verdade que toda linguagem contém os elementos de uma concepção do mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um, é possível julgar a maior ou menor complexidade de sua concepção de mundo.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> SILVA NETO, Otacílio Gomes da. As filosofias e a filosofia da práxis em Gramsci: Conhecimento em ação, Políticas públicas na educação brasileira: enfoques e agendas, Atena Editora (Org.), Ponta Grossa, 2018, p. 148.

<sup>10</sup> GRAMSCI, Antonio. O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 129.

<sup>11</sup> GRAMSCI, Antonio. O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 130.

Feito a instrumentalização da filosofia da práxis pelo proletariado a disposição é a popularização do conceito e expansão dos horizontes críveis por parte da sociedade civil, conforme citação: “Uma vez que a filosofia da práxis se popularizar, os grupos economicamente desfavorecidos deixarão a condição de serem marionetes sujeitas à ação das forças naturais ou políticas e passarão a ser protagonistas.” (SILVA NETO, 2018, p. 149). Assim, a filosofia da práxis também exerce papel categórico na conscientização das massas, incorporando à história à teoria e à prática, permitindo assim a preponderância social dos menos abastados, “O objetivo de Gramsci é o de emancipar as massas populares, de todo e qualquer determinismo histórico imposto pela ideologia religiosa, ou provindo de filosofias especulativas e científicas” (SILVA NETO, 2018, p. 149).

## **2 A resistência poética de Leonardo Bastião**

Existiu e ainda há muitos impasses sobre a aceitação do que seja uma literatura popular; os critérios estabelecidos para a elaboração do conceito são difíceis. Há muitas divergências com relação ao tema; por isso julgo ser necessária a investigação de um conceito mais objetivo, o de literatura menor. A partir de então, uma concepção respaldada se extrairia para o que venha a ser uma literatura popular.

A força de qualquer poeta reside no seu poder de inventividade. Bastião é um colosso no tema tratado. Porém mesmo diante de tanta grandeza, sua produção para muitos ainda é tida como menor; tais considerações levam em conta: violação de normas ortográficas, aportes na oralidade, adequações sintáticas. Mas, afinal, o que é mesmo ser menor? A resposta encontra-se na citação a seguir:

Menor é aquela prática que assume sua marginalidade em relação aos papéis representativos e ideológicos da língua e que aceita o exílio no interior das práticas discursivas majoritárias, formulando-se como estrangeiro na própria língua, gaguejando e deixando emergir o sotaque e o estranhamento de quem fala fora do lugar ou de quem aceita e assume o não-lugar como seu deserto, na impossibilidade de uma origem.<sup>12</sup>

A Literatura de Leonardo Bastião, não é menor em seu lugar de fala. A Itapetim (PE) atribuem o título de Grécia dos cantadores; os sertanejos daquela região exaltam a cultura local. A poética de Bastião só será tratada como menor longe do seu horizonte de fala; a luta que estabeleceremos é pela aceitação de suas qualidades artísticas em um não-lugar, distante de sua relva natal, que é o Pajeú pernambucano.

Para Deleuze (2017), utilizar-se do plurilinguismo em língua vernácula, propondo assim um uso minoritário ou veemente, opondo-se assim ao arquétipo de opressão dessa língua, buscando sempre pontos de não cultura, em que o estado de incipiência gera outros cenários linguísticos, em que uma língua sai do seu estado de aporia, para encontrar sua suposta liberdade. Na literatura menor tudo é político; três categorias balizam seu conceito, sendo eles: desteritorialização da língua, ligação do individual com o imediato e o

---

<sup>12</sup> SCHOLLAMMER, Karl Erik. As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari, *Ipotesi*, vol. 5, nº 2, jul/dez 2001, Juiz de Fora, Ed. UFJF, p. 63.

agenciamento coletivo de enunciação. Menor não rotula qualquer literatura, mas sim as categorias revolucionárias daquela literatura que se autodenomina grande. Identifica-se a literatura menor como exercício de uma minoria, num idioma maior que passa pela mutação através de um forte nível de desterritorialização<sup>13</sup>.

Leonardo Bastião será apontado como vítima de marginalizações sociais; sua literatura não é menor por pertencer a um idioma menor, mas sim pelo poeta ser uma minoria que concebe sua produção em uma língua maior, aqui está a questão central. Mas, Leonardo tem consciência do local em que seu verso é enunciado, sabendo assim de sua valia enquanto poeta. Contudo, Bastião permanece uma esfinge a ser decifrada, aparentemente de conversa fácil, no entanto essa sua simplicidade mascara a missão que é compreendê-lo por inteiro.

Leonardo lamenta não ter conseguido estudar. Para o poeta, o caminho para a transformação social está intimamente ligado ao universo das letras. Esse universo que aponta os meandros de nossa existência é uma chama que ilumina nossa vida, nos capacitando e dando consciência de que itinerários seguir, quais escolhas desempenhar. Quem não conseguiu trilhar pelo caminho da leitura para o aedo Itapetinese causou em sua vida um apagão no futuro, como bem esclarece no decassílabo:

E o estudo foi e é  
Uma porta de saída  
Uma luz que ilumina a vida  
Onde a pessoa tivé  
Quem não estudou deu fé  
Que o camim ficou escuro  
E essa diferença eu juro  
Que o tempo passa e num tira  
E são essas coisa que vira  
Um apagão no futuro.<sup>14</sup>

O poeta Leonardo, apesar de nunca ter frequentado o ambiente escolar, já demarca seu lugar de fala, mas é despretensioso, no tocante ao reconhecimento de sua grandiosidade. Esse processo para o aedo Itapetinese tem que ocorrer de forma natural. Ele não busca sucesso; a humildade é sua virtude basilar, e o desinteresse é marca presente nas suas idiossincrasias, não o desinteresse com as palavras, com o cotidiano, com os problemas sociais, mas, o desinteresse com a comercialização de sua obra.

Intelectualidade nem sempre está ligada ao fator acadêmico. No caso de Leonardo, a intelectualidade aflorou em sua vida de maneira natural, a partir das vivências de campônio. Bastião não tem instrução alguma de alfabetização escolar. Todo o seu conhecimento é prático, todos os seus versos são desenvolvidos oralmente:

---

<sup>13</sup> Assim, “desterritorializar” tem a ver com a marginalização social e política que irrompe no campo literário, impondo-se como determinante na produtividade e na opção estética dos “menores”, trazendo consequências profundas para o entendimento e para a interpretação da obra, assim como da linguagem, de modo geral. (BATALHA, 2014, p. 117).

<sup>14</sup> BASTIÃO, Leonardo. Minha Herança de Matuto. Itapetim, Halley S.A. gráfica e Editora, 2018. p. 26.



“No banco da poesia/ Eu não peço explicação/ Boto poesia e tiro/ Rima métrica e oração/ Que a senha eu tem na memória/ E eu mesmo sou o cartão.” (BASTIÃO, 2018, p. 65).

Leonardo é maior que qualquer maniqueísmo reducionista; vale a pena ressaltar isso: nem rei, nem monarca, apenas poeta popular dotado de consciência política. Conforme Deleuze (2017), uma literatura menor está muito mais apta a tratar da matéria, com a possibilidade de tentar extrair de um exercício menor de uma língua (que mesmo maior) permita definir o caráter popular de uma literatura que atribua a tudo um valor coletivo, não havendo espaço para o individual.

Entretanto, Leonardo já vem conquistando sua relevância cultural, já deixou sua história estampada nas páginas atemporais da existência, sua memória está preservada na mente dos apologistas, e a memória é o refúgio de produção do poeta; o mesmo memoriza tudo quanto produz, já que não domina a escrita; sua produção é toda pautada pela oralidade, e a aglutinação de seus versos se dá através dos apologistas e amantes da cultura popular, que memorizam seus versos, gravam vídeos do trovador e disseminam pelas mídias sociais, fazendo com que sua produção seja alavancada a um status maior. Conforme Deleuze:

Quantos estilos, ou gêneros, ou movimentos literários, mesmo bem pequenos, têm apenas um sonho: desempenhar uma função maior da linguagem, fazer ofertas de serviço como língua de Estado, língua oficial [...] sonhar o contrário: saber criar um devir-menor.<sup>15</sup>

Tudo na literatura menor é político, porém, já na literatura maior, o caso individual tende a juntar-se a outros casos não menos individuais, todos os blocos desse conjunto criando um cânone literário em espaço largo, porém muito restritivo, sem acolher nada fora deste eixo maior.

Na literatura menor, tudo agrega valor coletivo. Os talentos não são abundantes nessa categoria; o produzir artístico é individualizado. No entanto essa raridade, esse status de aridez da literatura menor é que permite conceber uma literatura de mestres, de mestres populares. Leonardo Bastião é um desses mestres em questão, o seu produzir é individualizado no horizonte de sua percepção, mas uma coletividade lhe acolhe nos horizontes da apologia à cultura popular, a poética de Leonardo é antes de tudo uma resistência política e cultural do horizonte popular literário, que expõe a voz dos oprimidos, silenciando assim os opressores; como enaltece Deleuze (2017, p.40): “É a glória de uma tal literatura ser menor, vale dizer, revolucionária para toda literatura”.

A literatura é antes de tudo uma atitude revolucionária, que abate as barreiras que lhe são atribuídas ou constrói muros e delimitações geográficas para seus cânones; a literatura menor abraça a coletividade do seu meio. Deleuze (2017, p. 52) explica: “Não há tão grande, nem revolucionário, quanto o menor”. Podendo aqui ser atrelado perfeitamente à concepção gramsciana de intelectualidade orgânica, que se reflete na identificação de Leonardo Bastião com seu povo; com sua coletividade, sua produção é mecanismo de

---

<sup>15</sup> DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Kafka. Por uma Literatura Menor*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017. p. 53.

transmissão das queixas de sua gente; a literatura é tarefa do povo<sup>16</sup>, e Leonardo é a voz de seu meio social. Em seu horizonte particular aguça sua percepção, enxergando a essência natural que o cerca e as injustiças que permeiam os indivíduos, atrelando assim sua poética a serviço do povo, imbricando uma ética social na sua produção, e não apenas se preocupando com os elementos estéticos.

Quando são levantadas críticas, insultos ou até mesmo aleivosias para com o poeta Leonardo, o mesmo não se incomoda, traduz sua resposta aos críticos: “Porque não sei escrever. / Meu verso é feito das coisa/ Que vejo em cima do chão/ Poesia é a minha fonte/ Todo poeta é irmão/ E aquele que me censura/ O que ganhou em leitura/ Perdeu em educação” (BASTIÃO, 2018, p. 65).

Leonardo é um poeta social; sua produção está alicerçada na justiça e na verdade. O trovador vive em processo de conscientização permanente, do seu modo idiossincrático de ser, denunciando através da arte as injustiças e lutando sempre pela igualdade social. Seria Bastião um intelectual orgânico conforme a conceituação gramsciana?

Com a emergência da sociedade civil e de sua organização cultural, os intelectuais ligam-se predominantemente às suas classes de origem ou de adoção -, por meio delas, a sociedade como um todo – através da mediação representada pelos aparelhos “privados” da hegemonia. [...] Sem necessariamente perder sua autonomia e sua independência de pensamento, o “intelectual orgânico” tem uma maior consciência do vínculo indissolúvel entre sua função e as contradições concretas da sociedade.<sup>17</sup>

Lendo a poesia deste aedo, cultura não é uma atitude diletante, ou seja, a condição de poeta não está cindida da condição de agricultor que o permeia. A sintonia entre o fazer intelectual com a condição social é que constitui o trovador pernambucano como intelectual orgânico. A sua poética está ligada ao seu lugar de fala, Leonardo é antes tudo um resistente às duras procelas que enfrentou desde sua tenra idade; seu ideal está intimamente ligado à sua gente, ao seu convívio social.

Para Gramsci todo indivíduo é “filósofo”, entretanto alguns não desenvolvem atitudes intelectualizadas junto à sociedade: “[...] é preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são filósofos, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea” [...]” (GRAMSCI, 2011, p. 128).

Leonardo enfatiza sua identificação com suas origens, sua produção é claramente voltada para o sertão que lhe rodeia, seu engajamento com a arte é desinteressado. Ele não busca revelar sua poesia como uma mera demonstração estética, pelo contrário, uma ética social é perceptível na poética do trovador Itapetinsense: “Nasci no sítio Goiana/ E me criei por ali/ Mesmo sem arranjar nada/ Nunca pensei em sair/ Tô véi esperando a morte/ No mesmo lugar que a sorte/ Corta camin pra não ir” (BASTIÃO, 2018, p. 60).

---

<sup>16</sup> “A literatura é menos a tarefa da história literária do que a tarefa do povo” (DELEUZE, 2017, p. 37)

<sup>17</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas. 4ª ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011, p. 17.

Na década de XX, Leonardo expõe dificuldades severas, não existia olhar de clemência por parte dos governantes, as mudanças sociais ainda não haviam atingido a sociedade rural, o sertanejo carecia migrar para o sul em busca da sobrevivência. Com Bastião não foi diferente em 1970, época do coronelismo, do trabalho em semiescravidão, em que os cassacos eram obrigados a doarem seus esforços em troca do próprio alimento, em condições deploráveis, subumanas, à mercê de carrascos patrões. Diante deste contexto Bastião se vê forçado a migrar de sua região, como bem ressalta:

Deixei mulé, fi e filha  
Sem imprego e sem inverno  
E passei três meis no inferno  
Sendo servente em Brasilha  
Porque longe da família  
A solidão arrebenta  
É quando a saudade inventa  
De fazê o que fez comigo  
Em mil palavra eu não digo  
O que eu sofri em setenta.<sup>18</sup>

Mesmo longe de seu habitat natural, Leonardo sempre agregava valor às suas origens, a saudade da sua região, e as memórias de seu povo fizeram-no regressar para seu torrão natal: é ali o seu lugar de fala; sua poética está intimamente ligada com o sertão do Pajeú pernambucano; é ele o elemento natural de sua inspiração, é quem move o trovador a poetizar o cotidiano que o cerca; sua trajetória histórica caminha para as linhas atemporais da existência. A preservação de sua identidade para gerações futuras terem acesso à sua produção é de crucial importância.

A construção histórica social do trovador pernambucano já vem ganhando consistência nos espaços virtuais. A curiosidade dos apologistas gera uma repercussão da poesia de Leonardo, que vem dando alento à sua gente e evidenciando buscas por olhares sociais de amparo à sua gente. Bastião é antes de tudo um poeta social, que percebe as dores que o cercam, as injustiças que o rodeiam. O poeta translitera no universo das rimas, para bradar o grito dos oprimidos nos ouvidos dos opressores. Leonardo é um personagem novo no campo da pesquisa acadêmica, mas que aos poucos ganhará sua notabilidade nesse espaço.

## **Conclusão**

O processo de reconhecimento social literário é moroso, mas na medida em que mais pessoas acessarem a produção de Leonardo, sua literatura ganhará força, para através dos elementos passados combinados à sua atuação no presente, imortalizem a poética do trovador pernambucano. Essa luta tem que ser comprada pelos governantes locais, e exaltada em esferas maiores do convívio social, causando uma transformação histórica e literária para a cultura popular.

---

<sup>18</sup> BASTIÃO, Leonardo. Minha Herança de Matuto. Itapetim, Halley S.A. gráfica e Editora, 2018. p. 31.

As críticas que devem ser construídas através das poesias de Leonardo devem ser construtivas, no sentido de ampliar seu horizonte de percepção, rompendo barreiras que o poeta pernambucano ainda não tomou consciência. Qualquer atribuição crítica fora do horizonte anteriormente destacado tem que ser descartada e atacada veementemente, para que haja a preservação de sua prática oral, que seus versos com esse movimento superem quaisquer atribuições perniciosas.

A filosofia da arte na concepção gramsciana não tem autonomia absoluta. Como bem observamos, a arte enquanto instrumento de criação está intimamente ligada às estruturas sociais e do Estado em geral. Entretanto, acredita-se que a arte literária nesse contexto pode vir a ser a ferramenta de conscientização social.

A partir dos poemas analisados de Leonardo Bastião, ficou evidente o caráter pedagógico e social de suas construções; suas poéticas elevam o camponês ao horizonte da conscientização, a participação política, a proximidade com a sociedade e a resistência ante a qualquer marginalização imposta ao sertanejo.

As razões levantadas dos porquês de sua poética ser tida como menor, não menosprezam seu caráter literário, pelo contrário fortalecem seus ideais, deixando evidente que o que se entende por cânone literário tem que ser repensado, reavaliado e reestabelecido, prezando pela inclusão das ditas minorias, que agregam forças e peculiaridades necessárias para fortalecimento literário em geral. A literatura popular é tão grande e importante quanto as literaturas ditas eruditas, tradicionais. A expansão dos olhares trará novas perspectivas sociais.

Se a poética de Leonardo Bastião à luz da filosofia de Gramsci e abalizada pelos olhares literários de Deleuze e Guattari não forem suficientes aos olhares de determinados leitores, mas que sirva de inspiração para o determinismo educacional e literário de quem busca por referências pedagógicas populares, que o filosofar gramsciano, os olhares literatos deleuzianos e a poética aedo pernambucano conscientize e combata o preconceito velado à cultura popular e apresente novos horizontes educacionais, filosóficos e literários.

**Referências**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BASTIÃO, Leonardo. **Minha Herança de Matuto**. Itapetim: Halley S.A. gráfica e Editora, 2018.

BATALHA, M. C. **O que é uma literatura menor**. Revista Cerrados, v. 22, n. 35, 4 jun. 2014.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas**. 4ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. Kafka. **Por uma Literatura Menor**. Tradução: Cintia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v.2.

GRAMSCI, Antonio. **O leitor de Gramsci**: escritos escolhidos 1916-1935. Organização e introdução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHOLLAMMER, Karl Erik. **As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari**. Ipotesi, vol. 5, nº 2, jul/dez 2001, Juiz de Fora, Ed. UFJF, pp. 59-70.

SILVA NETO, Otacílio Gomes da. **As filosofias e a filosofia da práxis em Gramsci: Conhecimento em ação**. *Políticas públicas na educação brasileira: enfoques e agendas*. Atena Editora (Org.) Ponta Grossa: Atena Editora, 2018.